


Alter do Chão: um território em abertura e andanças para cosmopolíticas da imagem

Alter do Chão: A Territory in Becoming and Wanderings Toward the Cosmopolitics of the Image

 10.64493/INV.22.2

Nivalda Assunção
Artista visual, arquiteta
e professora do VIS/IdA/UnB.
Coordena o GEPPA/LAMA, Brasil

artigo recebido em: 9.03.2026
artigo aceite para publicação: 14.04.2026

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Assunção, N. (2026). Alter do Chão: um território em abertura e andanças para cosmopolíticas da imagem. *Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*. <https://doi.org/10.64493/INV.22.2>

Resumo

Este artigo analisa as intersecções entre arte e natureza a partir da expedição Walking Seminar 2025: Cartografias Têxteis, realizada na vila de Alter do Chão e na Floresta Nacional (FLONA) do Tapajós, no Pará. Diante das crises multidimensionais do Antropoceno, a investigação propõe uma reconfiguração da ontologia humana no mundo, utilizando a prática artística como território de transvaloração epistemológica. Fundamentada na cosmopolítica de Bruno Latour (2019), que dissolve a dicotomia entre sociedade e natureza, e no conceito de precariedade de Anna Tsing (2019), que compreende a sobrevivência como uma colaboração multiespécie em ruínas capitalistas, a pesquisa adota a andança flúvio-terrestre como método. Por meio de registros fotográficos, o projeto documenta e reflete sobre o encontro com actantes não humanos, fungos, rios e sumauínas, transformando a observação em um gesto de afetação mútua. O artigo aponta que a Amazônia não é um objeto exterior, mas um território-manancial que, ao ser percorrido durante a atmosfera ritual do Sairé e da expedição, subverte o olhar e reescreve a corporeidade do pesquisador, resultando em uma trama voco-visual que atesta a continuidade da vida em redes de interdependência e resistência.

Palavras-chave: Andanças. Fotografias. Antropoceno. Walking Seminar. Cosmopolítica. Precariedade. Alter do Chão.

Abstract

This article examines the intersections between art and nature through the expedition Walking Seminar 2025: Textile Cartographies, carried out in the village of Alter do Chão and in the Tapajós National Forest (FLONA), in Pará, Brazil. In the face of the multidimensional crises of the Anthropocene, the research proposes a reconfiguration of human ontology in the world, using artistic practice as a territory for epistemological transvaluation. Grounded in the cosmopolitics of Latour (2019), which dissolves the dichotomy between society and nature, and in Tsing's (2019) concept of precarity, understood as multispecies collaboration within capitalist ruins, the study adopts fluvial-terrestrial wandering as its method. Through photographic records, the project documents and reflects on encounters with nonhuman actants, such as fungi, rivers, and samaúma trees, transforming observation into a gesture of mutual affectation. The article argues that the Amazon is not an external object but a generative territory which, when traversed within the ritual atmosphere of the Sairé and the expedition, disrupts perception and reshapes the researcher's corporeality. This process results in a voco-visual weave that attests to the continuity of life within networks of interdependence and resistance.

Keywords: Wandering. Photography. Anthropocene. Walking Seminar. Cosmopolitics. Precarity. Alter do Chão.

O mundo contemporâneo atravessa uma encruzilhada planetária sem precedentes, marcada pela convergência de crises ecológicas, políticas e sociais, manifestadas no colapso climático, na violação de soberanias culturais e na exacerbação das desigualdades globais. Tal cenário invoca mais do que uma resposta discursiva ou técnica. Demanda uma reconfiguração filosófica e artística de nossa ontologia no mundo. Para esse périplo, elejo a corporeidade artística e a comunhão como laço de um projeto universitário, entendido como território de vicejar e transvaloração epistemológicos, criativos e políticos.

Inspirado pela genealogia proposta por Latour (2019) em Políticas da Natureza, este artigo parte da desconstrução da natureza como uma categoria metafísica isolada ou um ente exterior à sociedade. Se Latour (2019) nos convoca a implodir a dicotomia entre o não humano e o social para que ambos se reencontrem em uma ecologia política comum, minha prática como artista-pesquisadora no Walking Seminar 2025: Cartografias Têxteis busca habitar justamente essa fenda. Não observo a floresta como cenário, busco o emaranhado de uma coletividade expandida, onde a criação artística e a política se fundem em um gesto de presença. Ao caminhar, minha atuação deixa de ser a de uma observadora imparcial para tornar-se a de um nó ativo em uma rede de relações, onde o pensamento visual e a práxis acadêmica são atravessados pela força viva do território. Nesta expedição, a arte atua como a linguagem capaz de traduzir esse encontro, revelando uma Amazônia que não é exterior a nós, mas uma extensão vibrante e política de nossa própria corporeidade, desejo e agência política. Inserido no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade de Brasília e da Faculdade de Comunicação, o projeto Walking Seminar 2025 incentiva a participação de professores, pesquisadores, estudantes de Pós-Graduação e graduação de diversos cursos da Universidade, em diálogo com integrantes de povos originários e tradicionais do Tapajós. Coordenado pelas professoras

Celia Matsunaga e Marisa Maass, esse projeto tem contribuído para o desenvolvimento das atividades acadêmicas em seus três pilares, ensino, pesquisa e extensão, ampliando a pesquisa como modalidade colaborativa e interdisciplinar.

Alter do Chão, no estado do Pará, e seus arredores e comunidades ribeirinhas e indígenas formam a base externa deste projeto, que utiliza os recursos fotográficos e video-gráficos como materialidade, registro de memória, construção de imaginário, representação e criação poética, bem como suportes têxteis que ajudam a conduzir essas relações e diálogos. A parceria com a APECV, Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, sediada em Viseu, Portugal, mais uma vez se materializa em ações de formação, desta vez na Amazônia Brasileira. O Walking Seminar vem em formato itinerante, para incluir comunidades nas trocas e diálogos sobre artes têxteis e transmissão de conhecimentos.

Para a comunidade de pesquisadores e artistas envolvidos no projeto, Alter do Chão configura-se como um epicentro sensível e crítico para a emergência de novas miradas artísticas e políticas diante do esgotamento planetário.

Pensar o Antropoceno a partir deste chão exige reconhecer que a floresta é uma sobreposição indissociável de lar, entidade viva, manancial de saberes e campo de disputa. Nossa incursão configura-se como uma expedição cinética, simultaneamente sensorial, ecológica e epistêmica, que tensiona o espaço e convoca vozes, olhares e memórias que a gramática da modernidade e do progresso tenta soterrar.

Nesta cartografia, o movimento das águas e o rastro impresso na terra não são apenas deslocamentos, mas o próprio fundamento do saber. Caminhar, nesse contexto, não se reduz a um percurso físico, mas se constitui como uma prática de inscrição sensível, na qual o corpo registra, traduz e reconfigura as relações com o território. Cada passo implica uma negociação entre percepção e matéria, entre o visível e aquilo que se anuncia apenas na experiência. A andança flúvio-terrestre, portanto, não apenas conduz a investigação, mas a produz, instaurando um modo de conhecimento que emerge da fricção direta com o ambiente.

A andança flúvio-terrestre converte-se em método, uma práxis de escuta das ancestralidades que operam na agoridade. É uma reterritorialização do presente, onde a imaginação artística e a presença política se fundem em um gesto de resistência, transformando o ato de caminhar em uma ferramenta de descolonização do pensamento e da imagem (Figura 1).



Figura 1 Floresta Encantada, Caranazal: imersão no igapó. Fotografia da autora, 2025.

A Floresta Encantada do Caranazal emerge como um palimpsesto onde se inscrevem tradições seculares, violações históricas e revoluções latentes. Mais do que vegetação, este território abriga uma mística que aglutina ritos católicos e encantarias, manifestando-se nos igapós e no espelhamento das águas. O encontro com essas águas, com o voo das aves e com a densidade da mata desemboca no Rio Tapajós, um fluxo que ora desvia, ora acolhe, ora deslumbra. O Tapajós não é apenas um recurso, é um ente-parente que conecta a Santarém citadina ao Alter do Chão mítico, aglutinando e disseminando as histórias de espécies companheiras em um périplo que faz beira e reverência aos territórios Tupinambá e Munduruku.

Nesta constelação de cipós, samaúmas e seringais, a expedição Walking Seminar rasura a ontologia clássica da viagem como missão ou descoberta. Aqui, a caminhada e o registro negam a distância segura do observador, o outro não é objeto de análise, mas sujeito e comunidade soberana, enquanto nós, os pesquisadores e pesquisadoras, as andarilhas, tornamo-nos um outro em expansão. Através das comunhões e dos aprendizados que o chão e o rio impõem, a pesquisa deixa de ser uma busca por respostas para tornar-se um exercício de enraizamento, onde a herança das cosmovisões originárias nos ensina a habitar o mundo não como mestres, mas como aprendizes da continuidade da vida.

Os olhares que se dirigem à Amazônia não são neutros. São atravessados por histórias, experiências e modos de perceber. No contexto do Walking Seminar, o olhar se constrói na relação com o território, entre aproximação, escuta e experiência sensorial.

Mais do que observar, trata-se de aprender a perceber. Esse aprendizado se constrói em diálogo com a etnografia, com a iconografia das populações tradicionais, com seus habitats, costumes e relações com os rios e as florestas, como lá se diz, olhos d'água. São olhos de profundidade de rio, de complexidade e riqueza territorial, mas também olhos do lodo, da lama, das queimadas, dos minérios e da expansão bovina. São, por fim, olhos de gente.

Latour (2019), ao tensionar a ontologia da modernidade, denuncia a falácia de uma dicotomia estanque entre Natureza e Cultura. Para o autor, a crença numa Natureza puramente exterior e factual, apartada de uma Cultura que deteria o monopólio dos valores, da política e da sociedade, não passa de uma ilusão moderna. Em Alter do Chão, tal separação revela-se impossível, o território impõe-se como um coletivo híbrido em que o fluxo das águas e a agência das raízes são, em si mesmos, constituintes da própria trama política e social. O Rio Tapajós excede a sua materialidade hídrica e emerge como um actante soberano que traça rotas, fecunda o imaginário mitopoético dos botos e governa as pulsações econômicas e rituais do Sairé. Nas derivas pelo Caranazal ou pela FLONA, a separação entre sujeito e objeto desmorona; raízes, fungos e sedimentos amalgamam-se ao humano em composições híbridas. Sob a lente de Latour (2019), reconhecer que jamais fomos modernos implica abdicar da ilusão de um domínio antrópico sobre um mundo inerte para, enfim, assumirmos nossa condição de existência enredada em teias de interdependência radical. Adentrar a Floresta Nacional (FLONA) do Tapajós transforma o ato de caminhar em uma prática investigativa de escuta multiespécie. Essa escuta não se limita à atenção aos sons ou às formas visíveis, mas envolve uma abertura para os ritmos e temporalidades que escapam à lógica humana. O chão úmido, o crescimento lento das árvores e a presença difusa dos fungos instauram um outro regime de percepção, no qual o tempo não se organiza pela produtividade, mas pela coexistência. Cada passo ativa uma rede de interdependências que Tsing (2019) compreende como sobrevivência em ruínas. O conhecimento, nesse contexto, não surge da observação distante, mas da exposição direta às forças do bioma. O trajeto converte-se em um mosaico polifônico, onde o micélio articula a terra e as sumaúmas guardam os espectros do chão. Longe de serem figurantes, esses seres são protagonistas de uma cosmopolítica vibrante, agenciam o clima e reorientam nossos sentidos.

A reorganização da sociedade de Alter do Chão, regida pelo pulsar das cheias e vazantes, revela que a política não se restringe à assepsia dos gabinetes, mas emerge do movimento das águas e do metabolismo das sumaúmas. Nesse sentido, Alter do Chão deixa de ser um mero ponto geográfico para converter-se em um território de transvalorização epistemológica. Aqui, a andança como método atua como um dispositivo de escuta das interdependências; caminhar deixa de ser um deslocamento espacial para tornar-se uma fricção deliberada com o tecido vivo do território.

Dizer que a política depende do fôlego dos rios e das raízes é admitir que a soberania humana é uma ilusão. Em Alter do Chão, o laboratório de ecologia política ensina que governar ou habitar um território exige ouvir os não humanos. A morada comum, em termos latourianos (Latour, 2019), é este tecido vibrante em que o pesquisador, ao ser afetado pela floresta, deixa de ser um observador para se tornar um nó ativo numa rede de resistência. Assim, o Walking Seminar

atua como um exercício de diplomacia cosmopolítica (Latour, 2019), em que o pesquisador abandona a soberania humana para se inscrever em uma rede de interdependências, compreendendo que governar o presente exige, antes de tudo, saber ouvir as agências não humanas que sustentam o tecido da vida. A expedição Walking Seminar 2025 encontra o seu ápice ao ocorrer simultaneamente ao Sairé. Imersas nessa atmosfera, as caminhadas são atravessadas por um território em estado de epifania, onde ritos católicos se entrelaçam a uma ancestralidade indígena vibrante. Para o projeto, o Sairé não é apenas um pano de fundo, mas um dispositivo de agenciamento cultural. O ritual é a manifestação prática da cosmopolítica, onde a divisão moderna entre o natural, o rio, o boto, os troncos, e o cultural, as ladainhas e a política local, dissolve-se (Figura 2).



Figura 2 Sairé no Rio Tapajós: travessia ritual. Fotografia da autora, 2025.

Os mastros erguidos na praça são mediadores que conectam o sagrado, o vegetal e o social, reverberam a linguagem da floresta no centro da vila, transformando um elemento botânico num eixo de organização espiritual e coletivo. Essa travessia rumo ao coração da mata materializa as alianças multiespécies, em que os mastros operam como actantes botânicos que borram as fronteiras entre a densidade do mato e o espaço urbano (Figura 3).



Figura 3 Mastros do Sairé: actantes botânicos. Fotografia da autora, 2025.

Nosso método flúvio-terrestre de andança, portanto, opera como um dispositivo diplomático, na terra, tenciona a gravidade do corpo e o enraizamento; na água, ele exige a entrega ao fluxo e à agência do rio. Durante o Sairé, essa prática de deslocamento converte-se em uma escrita de si e do mundo, onde o ato de notar as alianças multiespécies, permite que a investigação ateste a construção contínua de um mundo comum, onde a sobrevivência é, acima de tudo, um gesto de hospitalidade mútua.

Ali, ritos religiosos católicos, expressos em ladainhas e procissões seculares, entrelaçam-se a uma ancestralidade indígena vibrante, culminando no embate simbólico entre os botos Tucuxi e Cor-de-Rosa. Para o projeto, o Sairé não é apenas um pano de fundo, mas um dispositivo de agenciamento cultural que atrai milhares de pessoas à vila, transformando o espaço em um manancial de imagens, sons e corpos em movimento, onde a tradição e o folclore reafirmam a vida no coração do Pará.

A travessia pelas águas do Tapajós rumo ao coração da mata transcende a mera logística do transporte, configura-se como um périplo simbólico de busca e retorno. Nesse rito, a floresta não é apenas provedora, mas participante ativa que oferece suas hastes, entidades vegetais que, ao serem erguidas na praça e adornadas pela fartura das frutas, transmutam-se em eixos cósmicos em torno dos quais a vida se reorganiza. Nesse contexto, o deslocamento materializa a cosmopolítica de Latour (2019) e as alianças multiespécies propostas por Tsing (2019), nas quais os mastros operam como actantes botânicos, borrando as fronteiras entre a densidade do mato e o espaço da vila, entre o silêncio do sagrado e o clamor do profano.

Ao registrar a procissão dos barcos, nossa investigação captura o instante preciso da metamorfose, o momento em que a natureza é investida de rito e a corporeidade dos caminhantes se dilui no balanço das águas e na gravidade da madeira bruta. É uma fusão de massas, água, tronco e gente que reafirma Alter do Chão como um território de síntese, onde o enraizamento na terra e a transcendência do espírito coexistem sob um signo de abundância compartilhada. Ali, a imagem fotográfica e o gesto têxtil não apenas documentam a festa, mas testemunham o nascimento de uma nova ecologia política, onde o humano e o vegetal se erguem juntos para sustentar o céu do Sairé.

A vila emerge para nosso projeto como território de cosmovisões e elaboração de um pensamento visual e crítico sobre as múltiplas crises inscritas no que chamamos de Antropoceno. Aqui, Alter do Chão redimensiona-se sob as perspectivas de Tsing (2019), especialmente em *Viver nas Ruínas: Paisagens Multiespécies no Antropoceno*, sobretudo na tese da autora de abandonarmos a ideia de uma natureza intocada para, em nosso caso, reconhecer a floresta como um local de agenciamentos e sobrevivência colaborativa. Tsing (2019) argumenta que a modernidade nos ensinou a esperar estabilidade, como ecossistemas intactos e economias previsíveis. A precariedade seria esse estado de viver quando essas promessas desaparecem, já que, no Antropoceno, todos estamos à beira de algo incerto. Viver na precariedade é aprender a sobreviver desde as ruínas capitalistas. Nesse contexto, a precariedade deixa de ser um vácuo de recursos para tornar-se a própria condição de possibilidade do encontro. Em Alter do Chão, as ruínas capitalistas não são apenas metáforas, mas cicatrizes visíveis na paisagem que o projeto Walking Seminar se propõe a percorrer, não como turista, mas como aprendiz de interdependências. Ao abandonarmos o mito da natureza intocada, passamos a perceber a Floresta do Caranazal e as beiras do Tapajós como ecologias de resiliência, onde se materializam as artes da observação propostas por Tsing (2019).

É na incerteza do terreno, entre a lama dos igapós e a poeira das trilhas, que a sobrevivência colaborativa se revela, na simbiose entre o fungo e a raiz, mas também na hospitalidade das comunidades tradicionais que, há séculos, manejam a vida em meio às fendas do progresso. Assim, o projeto não busca registrar uma paisagem estática, mas sim capturar as fricções dessas alianças multiespécies, transformando a vulnerabilidade em uma ferramenta política de enraizamento e criação.

Por meio da fotografia, o Walking Seminar institui uma escuta sensível para a assembleia de seres, transformando o ato de fotografar num exercício de diplomacia cosmopolítica (Latour, 2019). Mais do que representar a paisagem, o gesto artístico abre clareiras para que a agência de rios, fungos e sumaúmas ganhe corpo na investigação. Ao tornarem-se articuláveis, essas existências não humanas revelam seus desejos e insurgências, confrontando a cegueira moderna em plena crise antropocênica.

Tsing (2019) argumenta que as artes da observação foram marginalizadas pelo conhecimento científico moderno, que prioriza a escalabilidade e o controle. Ao resgatá-las, o Walking Seminar utiliza a fotografia e a caminhada não para catalogar a Amazônia, mas para notar as histórias de sobrevivência que as métricas tradicionais ignoram. Como propõe Tsing (2019), “teorias e conceitos emergem melhor da atenção para o mundo” (Tsing, 2019, p. 18). A adoção das artes da

observação transfigura nossa metodologia em Alter do Chão. Se a modernidade nos cegou para as interdependências, o gesto fotográfico da expedição atua como um exercício de atenção plena aos ritmos não humanos. Observar os igapós ou o crescimento dos caranãs não é um ato passivo, mas uma imersão nas margens indomáveis onde a vida insiste em brotar. É por meio dessa observação sensível que o Walking Seminar documenta a floresta, não como um recurso a ser extraído, mas como um emaranhado de viventes que exige de nós uma nova alfabetização visual e ética.

Nesta investigação, a Amazônia recusa a passividade do estudo para impor-se como um território-manancial, capaz de desestabilizar as hegemonias do olhar moderno. Alinhadas à proposta latouriana de dissolução da natureza como ente isolado, as imagens capturadas na expedição funcionam como interfaces densas que revelam nossa indissociabilidade com o mundo. A FLONA transmuta-se de recurso natural em sujeito ativo, um parlamento de existências onde fungos, rios e árvores tomam decisões políticas e biológicas. Através desta materialidade híbrida, o ato de ver se converte em atravessamento. Somos enredados por uma teia de agenciamentos em que a fotografia abandona a pretensão de metanarrativa para tornar-se um gesto de partilha, um nó de relações onde a representação se rende à potência das presenças vivas (Figura 4).

A vila de Alter do Chão emerge aqui como o ponto focal de uma agoridade, um tempo presente denso, onde o enraizamento não é estático, mas um fluxo de relações sincrônicas. Sob a ótica de Tsing (2019), os caminhantes e idealizadoras do projeto não apenas percorrem o solo, elas praticam uma fricção epistemológica, o encontro produtivo e por vezes desconfortável entre o saber acadêmico e a imanência da floresta.



Figura 4 Relações multiespécies na FLONA do Tapajós. Fotografia da autora, 2025.

O registro das atividades têxteis e as imagens digitais funcionam aqui como interfaces de fricção; elas não descrevem a natureza, antes atestam o enraizamento e a continuidade de um mundo que se recusa a findar, sustentado por redes de colaboração entre humanos, vegetais, animais, fungos, espiritualidades e rios. Ao registrar essas montagens precárias, a expedição transforma a representação em um gesto de hospitalidade, onde o sentido estético e político compõe uma escrita de si e do mundo, reconhecimento de que somos, todos, parte de um mesmo tecido vulnerável, em devir e vibrante. Assim, o projeto lida com a floresta como um tecido de existências biodiversas, animais, plantas, fungos e as presenças espectrais que Latour (2019) descreve como atores de uma política não humana. Pelo percurso, as artistas-pesquisadoras investidas do devir caminhantes abandonam a lógica antropocêntrica da catalogação para se inscrever em uma poética da afetação híbrida e mútua entre linguagens que não se limitam ao verbal. Busco, no perfazimento de minhas fotografias, uma imagem digital que funcione como uma interface de contato onde a soberania humana é cedida em favor da alteridade. Dessa forma, penso que minha presença no Walking Seminar materializa a figura do diplomata cosmopolítico. Se Latour (2019) afirma que o mundo comum precisa ser construído, encaro o fazer artístico como ferramenta dessa construção. Na série realizada durante o seminário, busco ressaltar o enraizamento e a continuidade de um mundo sustentado por redes de colaboração entre humanos, vegetais e rios. Neste território de trocas híbridas, a primazia do logocentrismo, a soberania do verbo, cede lugar a uma mútua contaminação de sentidos. O que proponho com a série fotográfica desenvolvida no seminário é uma trama voco-visual, linguagem-tessitura que não separa o rastro do pé na lama, o grito das aves, a fibra do caraná e a incidência da luz sobre o Tapajós. Esta nova sintaxe processa a experiência de forma não linear, permitindo que a imagem digital e o suporte tátil se fundam num único corpo de memória.

Se a proposta de uma ecologia política radical exige novos modos de habitar o coletivo, a prática artística deve ser capaz de capturar os momentos de negociação e reconhecimento entre mundos distintos. Nesse sentido, o encerramento desta reflexão se debruça sobre um fragmento visual que sintetiza a complexidade desse diálogo. Para além das cartografias e dos relatos de andança, a investigação encontra na visualidade fotográfica o seu ponto de ancoragem mais sensível, é na tradução do instante que o invisível das relações cosmopolíticas se torna legível, transformando o registro documental em um campo de forças ontológicas e metafísicas.

A hospitalidade, sob a ótica latouriana, transcende a cortesia social para converter-se em um rigoroso protocolo de reconhecimento e identificação de quem pode ser admitido na composição do coletivo. Ao se colocar à beira do Rio Tapajós aguardando a aproximação do barco do Walking Seminar, o cacique Munduruku não exerce apenas uma recepção, mas uma diplomacia cósmica. Conforme Latour (2019) propõe, nenhum mundo comum está dado de saída; ele deve ser progressivamente composto pelo trabalho da diplomacia. O cacique, portanto, atua como o mediador que compreende o abismo ontológico entre o universo acadêmico e a vivência da aldeia, posicionando-se na margem para iniciar a costura de um território onde essas realidades possam coexistir (Figura 5).



Figura 5 Encontro com o cacique Munduruku: gesto de hospitalidade. Fotografia da autora, 2025.

O encontro constitui um campo de negociação situado entre coletivos humanos e não humanos. Nesse encontro, a figura do líder indígena não representa apenas a soberania humana. Ela expressa a voz de um coletivo expandido que inclui peixes, vegetação e o próprio rio. Sua presença na margem não é apenas um gesto de recepção, mas uma forma de leitura do território e das intenções que nele se inscrevem. O encontro torna-se, assim, um momento de suspensão e avaliação, no qual a entrada do outro depende de uma escuta atenta às relações já existentes.

O barco deixa de ser um intruso para tornar-se uma proposta de relação, cuja aceitação implica responsabilidade e compromisso com o equilíbrio daquele ecossistema. (Figura 6).

A hospitalidade torna-se o primeiro filtro político para verificar se essa proposta acadêmica é capaz de habitar a morada comum sem fraturar o equilíbrio sensível da vida local. Naquela margem, a política latouriana acontece em estado bruto através de uma tríade de articulações, o humano, a técnica e o não humano. O humano condensado pelo diálogo entre o cacique e os pesquisadores, a técnica desde a presença mediadora do motor, do casco do barco e das lentes das câmeras e o não humano corporificado na agência do curso das águas, a direção do vento e o olhar denso da mata que circunda o porto.



Figura 6 Maloca Munduruku: espaço de composição do coletivo. Fotografia da autora, 2025.

Neste cenário de vulnerabilidade partilhada, a hospitalidade deixa de ser uma escolha ética abstrata para se tornar uma arte da observação. O cacique observa o barco como quem observa um fungo que brota após a perturbação do solo; é preciso refletir se aquela presença promove a vida ou o esgotamento. A recepção do barco é a montagem de uma aliança precária e necessária, um reconhecimento de que somos todos parte de um mesmo tecido vulnerável. Sob as ruínas do progresso, a hospitalidade do cacique ensina que a única forma de habitar a morada comum é através da disposição de receber o outro, humano, técnica ou rio, e tecer com ele novas possibilidades de futuro em meio às incertezas do presente.

Nessa andança, o corpo não apenas atravessa o espaço, mas é por ele reescrito. Os fungos que decompõem o solo, o vapor que emana das folhas e o silêncio das sumaúmas operam como agentes que reposicionam nossos sentidos. Caminhar na FLONA, sob este prisma, é reconhecer que a floresta possui uma agência própria, uma política feita de raízes e espectros.

Referências

- Latour, B. (2019). *Políticas da natureza: Como fazer ciência na democracia* (C. A. M. de Souza, Trad.). Edusc.
- Tsing, A. L. (2019). *Viver nas ruínas: Paisagens multiespécies no Antropoceno*. IEB Mil Folhas.



Imagem: Floresta Nacional do Tapajós, FLONA, PA, Brasil. Fotografia: Célia Matsunaga

experienciar e fazer